

SENTENÇAS FOCO+QUE DO PB NA INTERFACE SINTAXE-PRAGMÁTICA

Simone Guesser¹

simone.guesser@ufr.br

RESUMO: Este trabalho estuda as sentenças com a sequência Foco+que do português brasileiro tomando como base aspectos sintáticos e pragmático-discursivos. Essas sentenças têm recebido na literatura duas linhas de análise. Uma hipotetiza que Foco+que é derivada de uma sentença clivada invertida. A outra a analisa como uma frase simples. Essa segunda linha se subdivide: de um lado, é proposto que Foco+que tem uma representação em que o foco e o complementizador “que” se encontram em relação de adjacência e, de outro lado, tal adjacência é negada. A partir da pragmática de Foco+que no PB, e levando em consideração determinadas propriedades sintáticas, este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise alternativa, segundo a qual tal sentença deriva de uma estrutura clivada, mas do tipo canônica.

PALAVRAS-CHAVE: Foco+que; clivagem; focalização; cópula.

INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga a estrutura sintática das sentenças Foco+que do português brasileiro (PB), como as ilustradas em (1), levando em consideração a interface sintaxe-pragmática.

- (1) a. A Juliana que (es)tá fazendo a limpeza da casa. (não o Paulo)
b. A Joana que deu o pijama pro Pedro. (não a Márcia)

Em seus estudos sobre fenômenos de periferia esquerda no PB, Miotto (2001) e Braga et al. (2009) apontam as sentenças em (1) como contrapartes focais de sentenças interrogativas-wh

¹ Doutora em Linguística e professora da Graduação em Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima.

do tipo das exemplificadas em (2), onde um elemento-wh é seguido do complementizador “que”:

- (2) a. Quem que fez a limpeza da casa?
b. Quem que deu o pijama pro Pedro?

As sentenças (2a-b) solicitam a atribuição de um valor à variável vinculada pelo operador-wh na periferia esquerda. As em (1), por outro lado, têm a função de atribuir um valor à variável, veiculando um foco. O Foco é uma noção discursiva que se refere a uma sequência que veicula uma informação não pressuposta (Cf. MIOTO, 2003 e referências citadas). Ele pode ser dividido entre foco largo e estreito. O primeiro caso se verifica quando a informação não pressuposta corresponde a toda uma sentença, como ilustrado no exemplo (3B) do contexto em (3):

- (3) A: Que barulho! O que (es)tá acontecendo?
B: O Pedro (es)tá brincando com o cachorro.

Na focalização estreita, por outro lado, um determinado constituinte sentencial é caracterizado como não pressuposto. Conseqüentemente, a sentença se divide entre uma parte que constitui um foco e outra que contém uma pressuposição lógica (Cf. BRAGA et al., 2009). Consideremos o contexto discursivo em (4):

- (4) A: Maria ama cerveja.
B: É champanhe que a Maria ama. (não cerveja)

(4B) veicula a pressuposição lógica ‘Maria ama x’, expressa pela frase encaixada introduzida pelo complementizador *que*. Que a informação da frase encaixada é pressuposta pode ser comprovado através dos diversos testes de pressuposição, por exemplo, o da negação ilustrado em (5b) e o da interrogação em (6b)²:

² No que se refere à pressuposição, é relevante considerar a diferença entre pressuposição lógica e informação compartilhada, discutida em trabalhos como o de Roisenberg e Menuzzi (2008). Em um contexto como (4B), a pressuposição ‘Maria ama x’, além de ser uma pressuposição lógica, é uma informação compartilhada/dada. Todavia, não é sempre que a pressuposição lógica é também uma informação compartilhada no discurso. Para ilustrar isso, Roisenberg e Menuzzi (2008) fazem referência a uma sentença clivada como (i), que se trata de um título de texto jornalístico:

- (5) a. É champanhe que a Maria ama.
b. Não é verdade que é champanhe que a Maria ama.

Pressuposição: Maria ama x.

- (6) a. É champanhe que a Maria ama.
b. a. É champanhe que a Maria ama?

Pressuposição: Maria ama x.

O foco estreito da sentença (4B), por sua vez, é o sintagma pós-copular, o qual corresponde ao valor atribuído à variável da pressuposição ‘Maria ama x’. Ao fornecer informação não pressuposta, esse sintagma nega um elemento proferido anteriormente (“cerveja”) e, em contraste, apresenta um novo elemento (“champagne”). Por essa função, esse foco é denominado como contrastivo.

Além do foco contrastivo, a literatura tem distinguido outros dois tipos (Cf. MIOTO, 2003). Um deles simplesmente fornece uma informação não pressuposta, e é denominado como foco informacional ou de informação nova. O contexto discursivo de pergunta-resposta em (7) ilustra uma situação em que se pode verificar esse tipo de foco. Nesse caso, o sintagma *um carro* de (8B), marcado por “F,” é o foco de informação.

- (7) a. – O que o João comprou?

b. – O João comprou [F um carro]. (MIOTO, 2003, p. 172)

Se, por outro lado, o foco fornece informação não pressuposta e tem o traço de exaustividade, ele se caracteriza como foco identificacional (Cf. KISS, 1998). Por ser exaustivo, esse foco implica uma leitura do tipo [*x e apenas x*]. Segundo Miotto (2003), as sentenças clivadas do PB, assim como as do inglês, veiculam foco de identificação. Em contrapartida, Roisenberg e Menuzzi (2008), baseados em dados de clivagem do inglês apresentados por autores como Prince (1978), questionam a existência de um foco de

(i) Foi apenas há 50 anos que Henry Ford nos deu o fim de semana. No dia 25 de setembro de 1926, em um decisão incomum para aqueles tempos, ele decidiu estabelecer a semana de trabalho de 40 horas, dando aos seus empregados dois dias de folga ao invés de um. (ROISENBERG e MENUZZI, 2008, p. 4)

Nesse caso, a frase encaixada de “Foi apenas há 50 anos que Henry Ford nos deu o fim de semana” veicula uma pressuposição lógica (de fato, é verdade que Henry Ford em algum momento nos deu o fim de semana). Porém, tal pressuposição não necessariamente deve ser informação dada no discurso: em (i), o que é pressuposto pode ser uma informação nova para o leitor do jornal.

informação nova intrinsecamente dotado de traço exaustivo. Segundo esses autores, o traço de exaustividade, ainda que seja muito frequente na focalização por meio das clivadas, não faz parte do significado convencional dessas estruturas.

Guessier (2007), seguindo a linha de Roisenberg e Menuzzi (2008) sobre o foco identificacional/exaustivo, investigou a focalização do sujeito no PB a partir da oposição entre foco de informação nova e foco contrastivo. Por meio dados obtidos com testes de elicitación, ela mostrou que uma sentença Foco+que como (1a) pode ser usada para responder a uma pergunta-wh como (8), marcando o sintagma *a Juliana* como foco de informação nova. Além disso, (1a) pode ser usada para a focalização contrastiva, uma vez que é pragmaticamente adequada ao contexto em (9):

(8) Quem (es)tá fazendo a limpeza da casa?

(9) A. Cátia (es)tá limpando a casa!

B. A Juliana que (es)tá fazendo a limpeza da casa. (não a Cátia)

Uma sentença Foco+que, portanto, é uma estrutura designada para realizar focalização estreita: ela contém uma estrutura informacional em que um sintagma focal é seguido de um complementizador, o qual introduz uma sentença finita que, semanticamente, caracteriza-se como pressuposta. Nessa perspectiva, observa-se que a frase em (10B), no contexto discursivo em que se encontra, embora seja composicionalmente semelhante às em (1a) e (9B), não corresponde a uma estrutura Foco+que, uma vez que não apresenta a bipartição foco-pressuposição: nesse caso, toda a sentença tem a função discursiva de foco, e a pressuposição não é sintaticamente explicitada.

(10) A: O que acontecendo pra essa casa estar tão perfumada?

B: A Juliana que (es)tá fazendo a limpeza da casa.

As sentenças Foco+que, assim como as interrogativas do tipo Wh-que em (2), têm levantado um forte debate na literatura sobre o PB. Tal debate se deve ao fato de que elas apresentam uma grande semelhança com as sentenças clivadas, as quais, nessa língua, podem canônicas (11), com a fórmula “cópula + [XP] + [CP]”, ou invertidas (12), em que a fórmula é “[XP] + cópula + [CP]” (Cf. RESENES, 2009).

- (11) Foi a Maria que comeu o chocolate do Pedro. (cópula + [XP] + [CP])
(12) Um perfume foi que o Pedro escolheu. ([XP] + cópula + [CP])

Clivadas canônicas e invertidas, da mesma forma que Foco+que, são estruturas que caracterizam um constituinte frasal como foco. Quanto aos elementos que as compõem, elas se diferenciam das Foco+*que* apenas por terem uma cópula. A semelhança de função discursiva e a proximidade quanto à composição sintática, se aliadas ao fato, observado por Braga et al. (2009), de que Foco+que é uma sequência inovadora no PB, leva a debater a hipótese de essa sequência ser derivada de uma estrutura clivada. A esse respeito, encontramos três posições na literatura:

A) As sentenças Foco+*que* do PB derivam estruturas clivadas invertidas como (12) (Cf. BRAGA et al., 2009; KATO, 1996).

B) Foco+*que* não deriva de uma clivada. É uma estrutura simples em que o elemento focalizado se encontra em uma relação de adjacência com *que*, que ocupa o núcleo Foc⁰ (Cf. MIOTO, 2003; RESENES, 2006 e 2009).

C) Trata-se de uma estrutura simples, não clivada. Diferentemente do que proposto em B, porém, não existe uma relação de adjacência entre foco e *que* (RIBEIRO, 2011).

Tomando como ponto de partida as funções pragmático-discursivas das sequências Foco+que no PB e levando em consideração determinadas propriedades sintáticas, este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise alternativa às elencadas de A a C:

D) As sentenças Foco+que derivam de uma estrutura clivada. Todavia, diferentemente da análise em A, tal derivação se dá a partir de uma clivada do tipo canônica.

Para tanto, o texto que segue se organiza da seguinte forma. A seção 1 fornece uma descrição da estrutura informacional das sentenças clivadas no PB, com base em estudos sobre o processo de focalização estreita nessa língua. Na seção 2 serão discutidas as análises de A a C, enquanto a seção 3 apresenta a proposta em D. Por fim, serão apresentadas as conclusões deste trabalho.

1. A ESTRUTURA INFORMACIONAL DAS SENTENÇAS CLIVADAS DO PB

Guessser e Quarezemin (2013) apresentam um panorama do processo de focalização do sujeito e do objeto no PB e apontam uma série de estratégias de focalização (Cf. MIOTO, 2001 e 2003; BRAGA et al., 2009; QUAREZEMIN, 2009; GUESSER, 2007; RESENES, 2009). Elas são resumidas no quadro a seguir, onde “NI” está para foco de informação nova, “C” para foco contrastivo e “*” significa que a estratégia não é amplamente produzida/sofre restrições³.

Focalização do sujeito		Focalização do objeto	
Estratégia	Interpretação focal	Estratégia	Interpretação focal
SV	NI, C	SVO	NI, C
VS	NI*, C	OSV	C
Foco+que	NI, C	Foco+que	C
Clivada canônica	NI, C	Clivada canônica	C
Clivada invertida	C	Clivada invertida	C
PC canônica	NI, C	P.C. canônica	NI, C
P.C. invertida (foco pós-cópula)	NI, C	P.C. invertida (foco pós-cópula)	NI, C
P.C invertida (foco pré-cópula)	C	P.C invertida (foco pré-cópula)	C
Cópula+foco	NI, C	Cópula+foco	NI, C

Quadro 1: estratégias de focalização estreita no PB

Entre os aspectos de interesse que emergem desse quadro, as autoras citam fato de que em PB a periferia esquerda da sentença não é uma posição designada para focalizar um constituinte como informação nova. Isso é ilustrado por um contexto como (13): para que um sintagma seja um foco de informação nova, ele deve permanecer em posição interna a IP (13C) e não pode se mover para a periferia esquerda (13B). Tal movimento implica uma leitura de foco contrastivo, tornando a sentença pragmaticamente inadequada.

³ Quadro retirado de Guessser e Quarezemin (2013).

(13) A: O que a Maria comprou?

B: # UM LIVRO a Maria comprou.

C: A Maria comprou um livro. (GUESSER e QUAREZEMIN, 2013, p. 193)

Esse quadro descritivo leva autores como Miotto (2001, 2003) e Quarezemin (2005) a proporem que, da mesma forma que em línguas como o italiano, o PB faz uso das projeção de foco da periferia esquerda (RIZZI, 1997) e da de vP (BELLETTI, 2001; 2004) e que, enquanto esta é dedicada à focalização de informação nova, aquela é específica para função discursiva de foco contrastivo. De acordo com essa perspectiva, uma sentença SVO em que o objeto é foco de nova informação, como (13C), é representada como em (14a), onde o objeto ocupa o Spec de FocP da periferia de vP. A focalização contrastiva do objeto envolve a periferia esquerda da sentença. É analisada nos termos de (14b), se a sentença possui ordem OSV. Se a ordem é SVO, a derivação proposta é a em (14c), a qual assume um movimento remanescente de IP para TopP (nas linhas de Kayne (1994)).

(14) a. [_{CP} ... [_{IP} a Maria comprou ... [_{Top} [_{FocP} um carro_i ... [_{vP} t_i ...]]]]]]

b. [_{ForceP} [_{FocP} Um carro_i ... [_{IP} a Maria comprou t_i]]]]

c. [_{ForceP}[_{TopP} [_{IP} O João comprou t_i]_k [_{FocP} um carro_i [_{IP} t_k]]]]] (MIOTTO, 2003, p. 185-187)

No que se refere à clivagem, o quadro 1 apresenta a seguinte descrição em termos de estrutura informacional: clivadas canônicas podem veicular foco contrastivo e de informação nova. Assim, (15) e (16) são pragmaticamente adequadas em contextos contrastivos como os em (17) e (18), os quais envolvem, respectivamente, um sujeito e um objeto focalizado.

(15) Foi um rapaz que comeu a torta.

(16) Foi uma torta que o Pedro trouxe.

(17) A: Uma garota comeu a torta.

B: Não, foi um rapaz que comeu a torta.

(18) A: O Pedro trouxe uns doces pra festa.

B: Não, foi uma torta que o Pedro trouxe. (GUESSER e QUAREZEMIN, 2013, p. 195)

Por outro lado, no processo de focalização de informação nova, verifica-se uma assimetria sujeito-objeto, assim como ocorre em línguas como o francês⁴ (Cf. BELLETTI, 2010; GUESSER, 2007). Mais especificamente, clivadas canônicas-sujeito como (15) são pragmaticamente adequadas como resposta a uma pergunta sobre o sujeito como (19), enquanto uma clivada-objeto como (16) não serve como resposta a uma pergunta sobre o objeto como (20).

(19) Quem comeu a torta?

(20) O que o Pedro trouxe pra festa? (GUESSER e QUAREZEMIN, 2013, p.195)

As clivadas invertidas apresentam diferente comportamento pragmático-discursivo. Elas realizam focalização contrastiva, como mostram os dados em (21). Porém, como ilustram os dados em (22) e (23), não são adequadas para contextos de pura informação nova, nem mesmo no caso em que o foco tem a função gramatical de sujeito (Cf. BRAGA et al., 2009; RESENES, 2009).

(21) a. Um rapaz foi que falou (não uma menina).

b. Um livro foi que a Maria comprou (não uma revista.)

(22) A: Quem comeu o bolo?

B. # O João é que comeu o bolo.

(23) A: O que o João comeu?

B. #O bolo é que o João comeu. (GUESSER e QUAREZEMIN, 2013, p. 196)

2. ANÁLISES PRECEDENTES PARA FOCO+QUE

2.1 BRAGA ET AL (2009)

⁴ Belletti (2010) observa que as clivadas-sujeito do francês podem veicular foco de informação (iiB) e contrastivo (iiC). As clivadas-objeto, diferentemente, realizam focalização contrastiva (iiiB), mas não de informação nova (ivB).

(i) A: Qui (est-ce que qui) a parlé?

(ii) A: On m'a dit que Marie a parlé.

B: C'est Jean (qui a parlé).

C: No, c'est JEAN qui a parlé.

(iii) A: On m'a dit que hier t'as acheté un journal.

B: No, c'est UN LIVRE que j'ai acheté.

(iv) A: Qu'est-ce-que t'as acheté (/Qu'as-tu acheté)?

B: #C'est un livre (que j'ai acheté).

(BELLETTI, 2010)

Ao descrever as sentenças clivadas (com foco estreito)⁵ do PB, Braga et al. (2009) as dividem entre clivadas canônicas e invertidas. Diferentemente de outros estudos, porém, eles subdividem as sentenças clivadas canônicas entre canônicas pessoais e impessoais.

A clivada canônica pessoal, exemplificada em (24), apresenta a cópula concordando com o elemento clivado em pessoa e número, se ele for nominal, e com o tempo do verbo subordinado.

(24) Foram [as crianças] que viram a Gabriela. (BRAGA et al., 2009, p. 256)

A clivada canônica impessoal, ao contrário, não manifesta concordância de tempo ou de número e pessoa. Em (25) tem-se dois exemplos desse tipo de clivada: (25a) não manifesta concordância de tempo com o verbo subordinado, e (25b) não exibe concordância de número com o elemento clivado.

(25) a. É [o João] que saiu. (*versus* Foi o João que saiu)

b. É [os meninos] que vão comigo. (BRAGA et al., 2009, p. 256)

A cópula desse segundo tipo de clivada canônica se assemelha à das clivadas invertidas. Segundo os autores, em clivadas invertidas como (26) a cópula tende a permanecer invariável⁶.

(26) a. [As crianças] é que viram a Gabriela, (não os vizinhos).

b. [A Gabriela] é que as crianças viram, (não a Margarida).

Para analisar as sentenças clivadas, Braga et al. (2009) lançam mão de dois diferentes tipos de cópula: a impessoal, presente nos dados em (27), e a de alçamento, ilustrada através dos exemplos em (28).

(27) a. É tarde.

b. É que eu vou viajar.

⁵ Braga et al. (2009) também assumem a existência de clivadas em que toda a sentença que segue o complementizador é marcada como foco. Esse tipo de clivada é denominada pelos autores como clivada apresentativa. Por outro lado, para Resenes (2008) não existem clivadas com foco amplo.

⁶ Embora, no corpus analisado (Nurc) pelos autores, eles tenham encontrado um exemplo como (i), em que a cópula concorda em tempo com o verbo subordinado:

(i) [ultimamente] foi que ele fez o curso de Direito e veio para Sao Paulo. (BRAGA et al., p. 257)

(28) a. O João é um poeta.

b. O João é o chefe.

c. O chefe é o João.⁷

(BRAGA et al., 2009, p. 280)

A diferença entre as duas cópulas está no complemento que selecionam. O complemento da impessoal não contém um constituinte para ser alçado para a posição de sujeito da sentença. Já o complemento da cópula de alçamento seleciona uma *small clause*/minioração (MO, na abreviação dos autores). Em (30) são representadas as estruturas de base das sentenças em (28), enquanto (31a-c) representam as derivações finais.

(30) a. é [MO o João [pred um poeta]].

b. é [MO o João [o chefe]].

(31) a. O João_i é [MO [_]_i um poeta].

c. O João_i é [MO [_]_i o chefe].

d. O chefe_i é [MO o João [_]_i].

(BRAGA et al., 2009, p. 281)

Com base nessa distinção, clivadas canônicas pessoais como (24) recebem uma análise nas linhas de (32): a cópula é de alçamento, e o elemento *que* é um pronome relativo relacionado a um núcleo nominal nulo. Nessa perspectiva, clivadas canônicas pessoais são semelhantes a sentenças como (33a-b), onde aparecem entre parênteses os núcleos *as* e *a* das relativas⁸.

(32) Foram [suj as crianças [pred ∅ que viram a Gabriela].

(33) a. São [suj as crianças [pred (as) que vão comigo]].

b. É [suj esta criança [pred (a) que vai comigo]].

As clivadas canônicas impessoais, por outro lado, envolvem uma cópula impessoal (34b) e se caracterizam por ter o movimento do sintagma focal até o sistema complementizador encaixado (34c).

⁷ Vide Braga et al. (2009) para uma discussão acerca da agramaticalidade de uma sentença como **Um poeta é o João face* à possibilidade das sentenças em (79).

⁸ Vide Miotto e Negrão (2007) para considerações sobre análises que assumem um CP relativo para as sentenças clivadas.

- (34) a. É os meninos que saíram.
 b. [IP É [SC+F que os meninos saíram]].
 c. [IP É [SC+F os meninos_i que [_]_i saíram]]. (BRAGA et al., 2009, p. 284)

Por fim, as clivadas invertidas, assim como as clivadas canônicas impessoais, são formadas com a cópula impessoal (Cf. (35b)). Todavia, nessas sentenças o constituinte interpretado como foco se move para o sistema complementizador da frase matriz, como ilustrado em (35c).

- (35) a. Os meninos é que saíram.
 b. [IP É [SC que os meninos saíram]].
 c. [SC+F Os meninos_i [IP é [SC que [_]_i saíram]]]. (BRAGA et al., 2009, p. 284)

Quanto às sentenças Foco+que, Braga et al. (2009) as chamam de clivadas sem cópula ou reduzidas e as classificam como estruturas inovadoras no PB. Para os autores, sentenças Foco+que são como em (36), ou seja, estruturas clivadas invertidas que sofrem apagamento da cópula. Tal apagamento seria possível pelo fato de a cópula ser invariável (ou impessoal):

- (36) a. Os meninos é que saíram.
 b. Aqui é que a Maria mora.
 c. Ontem é que a criança nasceu. (BRAGA et al., 2009, p. 285)

Kato (1996) também propõe a formação de Foco+que a partir de uma clivada invertida. No que se refere à interpretação focal, a autora afirma que Foco+que apresenta as mesmas restrições discursivas de uma clivada invertida: apenas veicula foco estreito do tipo contrastivo (37) e não realiza focalização ampla (38).

- (37) A: O Pedro caiu.
 B: A Maria é que caiu. (não o Pedro)
 C: A Maria que caiu. (não o Pedro)
- (38) A: O que foi isso?
 B: Foi a Maria que caiu.
 C: #A Maria é que caiu.

D: #A Maria que caiu.

Como vimos anteriormente, a análise de Braga et al. (2009) assume que Foco+que deriva de uma clivada invertida por meio de apagamento da cópula porque a cópula desse tipo da clivada é um elemento invariável (impessoal). Porém, ainda que a cópula seja invariável quanto à concordância com o elemento focalizado (cf. (39) – (40)), ela não parece ser completamente invariável quanto à concordância com o tempo do verbo subordinado. Como observam Guessier e Sousa (2014), além do tempo presente ilustrado em (36), a cópula pode estar no pretérito perfeito (41) e imperfeito (42)⁹:

(39) a. Os meninos é que a Maria abraçou.

b. *Os meninos são que a Maria abraçou.

(40) a. Os meninos é que telefonaram.

b. *Os meninos são que telefonaram.

(41) a. Os meninos foi que saíram. (não as meninas)

b. Ontem foi que a criança nasceu. (não anteontem)

(42) a. Os meninos era que deviam ter feito isso. (não as meninas)

b. No ano passado era que (es)tava acontecendo a reforma da escola. (não no ano retrasado)

Além disso, é relevante observar que uma análise que vincule o apagamento da cópula à sua invariabilidade/impessoalidade encontra dificuldade face a sentenças de foco amplo como (43B), extraída de Braga et al. (2009) e com grifo meu:

(43B) A: Você podia ir ao centro da cidade pagar estas contas para mim.

B: (Acho que não. Acho que ninguém devia andar pelo centro. Está muito perigoso.) **É que [bandidos estão matando policiais].** (BRAGA et al., 2009, p. 261)

⁹ Todavia, é interessante observar que tal variação parece se situar no âmbito do tempo presente e passado. Quando a clivada está no futuro, por exemplo, a sentença não parece ser gramatical (Cf. (ia-b)). Esse quadro de variação de tempo na clivada invertida será tópico de uma pesquisa futura.

(i) a. *Os meninos será que sairão. (não as meninas)

b. ?*Amanhã vai ser que a criança vai nascer. (não na semana que vem)

Independentemente de (43B) ser ou não uma sentença clivada (vide nota 5), é fato que ela realiza focalização (ampla) e tem uma cópula invariável. Todavia, essa cópula invariável não é passível de apagamento, como mostra (44B):

(44B) A: Você podia ir ao centro da cidade pagar estas contas para mim.

B: (Acho que não. Acho que ninguém devia andar pelo centro. Está muito perigoso.)

***Que [bandidos estão matando policiais].**

Quanto aos às funções discursivas apresentadas por Kato (1996), de acordo com o quadro 1 da seção 1, as sentenças Foco+que não se comportam como clivadas invertidas. Elas apresentam comportamento semelhante ao das clivadas canônicas. Como mostra (45), Foco+que (45C), assim como a clivada canônica (45B), se presta à focalização contrastiva. Os dados em (46B-C) mostram que ambas as estruturas veiculam foco de informação nova.

(45) A: Uma garota comeu a pizza.

B: Não, foi um rapaz que comeu a pizza. (não uma garota)

C: Não, um rapaz que comeu a pizza. (não uma garota)

(46) A: Quem comeu a pizza?

B: Foi um rapaz que comeu a pizza.

C: Um rapaz que comeu a pizza.

A semelhança entre Foco+que e clivadas canônicas se estende à assimetria sujeito objeto, como ilustram (47B-C) e (48B-C):

(47) A: Quem comeu a pizza?

B: Foi um rapaz que comeu a pizza.

C: Um rapaz que comeu a pizza.

(48) A: O que o Pedro trouxe para a festa?

B: #Foi uma pizza que o Pedro trouxe.

C: #Uma pizza que o Pedro trouxe.

Consideremos os dados de focalização ampla em Kato (1996), repetidos em (49):

(49) A: O que foi isso?

B: Foi a Maria que caiu da escada.

C: #A Maria é que caiu da escada.

D: #A Maria que caiu da escada.

Tais dados não parecem formar um forte argumento para a derivação de Foco+que a partir de uma clivada invertida. Como observamos na seção 1, em contextos como (49) sentenças como (49B-C) não se caracterizam como clivadas, uma vez que não apresentam uma bipartição entre um foco e uma pressuposição. Essa característica também nos leva a concluir que (49D) também não uma estrutura Foco+que. Além disso, é relevante observar que (49B-D) possuem uma curva entoacional peculiar (com relação a sentenças clivadas como (45B) e (39a) e frases Foco+que como (45C) e (46C), por exemplo), de tal forma que o falante, ao transpor (49B-D) para a escrita, tenderia a inserir uma vírgula após o sintagma *a Maria*. Por outro lado, se se adota uma perspectiva segundo a qual as sentenças em (49B-C) são clivadas, e a sentença (49D) é uma estrutura Foco+que, observamos que, diferentemente do que propõe Kato (1996), a sentença (49D), com a entonação apropriada (e diferente da entonação de sentenças como (45C) e (46C)), é adequada como resposta a uma pergunta como (49A). Nessa perspectiva, (49D) se comporta de maneira diferente de uma sentença clivada invertida e de maneira semelhante a uma clivada canônica.

Em suma, os dados em (45) – (48) e o quadro de interpretações focais apresentado por Guessier e Quarezemin (2013) de um lado enfraquecem a hipótese de que Foco+que seja derivada de uma clivada invertida e, de outro, dão suporte à análise dessa sequência como originada de uma estrutura clivada do tipo canônica.

2.2 RESENES (2006 E 2009)

Nas linhas do que proposto em Miotto e Figueiredo-Silva (1995) e Miotto (1996; 2001; 2003) para sentenças Wh+que como (50), Resenes (2006 e 2009) atribui a (51a) a representação em (52). Segundo tal representação, Foco+que não deriva de uma estrutura clivada. Trata-se de sentença simples em que o foco *uma casa* estabelece uma relação Spec-núcleo com o complementizador *que* em Foc⁰.

(50) O que que a Maria comprou?

- (51) a. Uma casa que a Maria comprou. (não um apartamento)
 b. Uma casa a Maria comprou. (não um apartamento)

(52)

	FocP	
	3	
Spec		Foc'
uma casa _i	3	
	Foc	IP
	que	6
		a Maria comprou t _i

Essa análise assume que (51a) apresenta uma estrutura OSV com objeto focalizado semelhante àquela de (51b). Assim, (51a) resultaria da opcionalidade que o PB teria de preencher o núcleo Foc⁰ com o complementizador *que* (Cf. MIOTO, 2001).

Resenes (2006 e 2009) argumenta que Foco+que não pode ter uma estrutura clivada como base porque isso implicaria assumir um apagamento da cópula. Seguindo Miotto e Figueiredo-Silva (1995) e Miotto (2006), a autora afirma que a cópula é um monossílabo tônico, resistente a processos de apagamento. Além disso, o apagamento da cópula não seria um processo usual na formação de sentenças do PB. Ela apresenta os dados em (53)-(55), discutidos originariamente em Miotto (2006), e ressalta a impossibilidade de derivar os exemplos em “b” a partir dos em “a”.

- (53) a. A menina é bonita.
 b. *A menina bonita.
- (54) a. O que eu quero de você é um beijo.
 b. *O que eu quero de você um beijo.
- (55) a. E não é que ele me beija a menina na frente do outro!
 b. *E não que ele me beija a menina na frente do outro!

Todavia, podemos observar que a cópula é passível de omissão no PB. Por exemplo, uma frase copular predicacional como (53a) pode ter a cópula e o predicado “bonita” movidos para o início da frase, num contexto em que *a menina* tem função discursiva de tópico. Isso é ilustrado pelo exemplo (56B), no diálogo em que se encontra. Observe que, nesse mesmo contexto, a cópula de (56B) pode ser apagada, gerando (56B')¹⁰.

¹⁰ O mesmo se verifica no italiano, como mostram os dados em (i):

(56) A: Então, o que você achou daquela menina?

B: É bonita, a menina!

B': Bonita, a menina!

Com os dados de (54) podemos fazer um rearranjo nas mesmas linhas. Em um contexto como (57), da pseudoclivada canônica (54a), repetida como (57B), formamos a pseudoclivada invertida com foco pós-copular em (57C), da qual verificamos a possibilidade de derivar (57C'), com o apagamento da cópula.

(57) A: O que você quer de mim, rapaz?

B: O que eu quero de você é um beijo.

C: É um beijo o que eu quero de você.

C': Um beijo o que eu quero de você.

Em (58B') é apresentado um exemplo muito comum de apagamento da cópula a partir de uma pseudoclivada:

(58) A. Quem vai se encarregar de receber os empresários convidados?

B: É você quem decide. (Afinal, você é o chefe.)

B': Você quem decide. (Afinal, você é o chefe.)

Guessser e Sousa (2014) apresentam dados que sugerem que o apagamento da cópula de frases predicativas e especificacionais clivadas impõe como condição que a cópula esteja alta na estrutura sintática¹¹. Essa abordagem explicaria a agramaticalidade dos exemplos “b”

(i) A: Allora, cosa ne dici della ragazza?

Então, o que você me diz da garota?

B: É bella, la ragazza!

É bonita, a garota!

B': Bella, la ragazza!

Bonita, a garota!

¹¹ Guessser e Giovannetti (2015) descrevem a omissão da cópula em diferentes tipos de frases copulares do PB. Eles mostram que sentenças copulares equativas não permitem omissão da cópula em nenhuma configuração sintática ((i) – (ii)), assim como as copulares especificacionais não clivadas ((iii) – (v)).

(i) a. A sua atitude com relação ao Pedro é a minha atitude com relação ao Carlos.

b. *A sua atitude com relação ao Pedro a minha atitude com relação ao Carlos.

(ii) a. A minha atitude com relação ao Carlos é a sua atitude com relação ao Pedro.

b. *A minha atitude com relação ao Carlos a sua atitude com relação ao Pedro.

de (53)-(55), de um lado, e a possibilidade de omissão da cópula em (56B'), (57C') e (58B'), de outro. Independentemente da análise a ser atribuída à omissão da cópula, é relevante observar que tal fenômeno é possível em PB, embora pareça sofrer restrições sintáticas¹². Portanto, um argumento com base na tonicidade cópula e, conseqüentemente, na impossibilidade de seu apagamento no PB, não parece refutar a análise do Foco+que como derivada de uma clivada.

Outro dado que leva Resenes (2009) a não assumir uma estrutura clivada como base para Foco+que se refere a uma diferença interlingüística entre PB e PE: no PE, (59) é gramatical, mas (60), com apagamento da cópula, é agramatical.

(59) A MARIA é que leu *Vidas Secas*.

(iii) A: Quem foi o melhor jogador de vôlei nas Olimpíadas de Londres?

B: O melhor jogador foi o Murilo Endres.

B': *O melhor jogador o Murilo Endres.

(iv) A: Quem foi o melhor jogador de vôlei nas Olimpíadas de Londres?

B: Foi o Murilo Endres, o melhor jogador.

B': *O Murilo Endres, o melhor jogador.

(v) A: Quem foi o melhor jogador de vôlei nas Olimpíadas de Londres?

B: O Murilo Endres foi o melhor jogador.

B': *Murilo Endres o melhor jogador.

Nas frases copulares predicacionais, para que a cópula seja omitida, ela precisa estar alta na estrutura, juntamente com o predicado. Em outras palavras, o apagamento da cópula é licenciado quando a sentença envolve uma topicalização à esquerda da sequência "cópula+predicado", como ilustrado em (56). Investigando a interação dessa sequência "cópula+predicado" alta com elementos da periferia esquerda, os autores observam que essa sequência não pode ser precedida por elementos topicalizados ((vi)-(vii)) ou operadores-wh (viii).

(vi) a. Hoje em dia é esperto, o garoto (mas tempos atrás ele não aprendia nada na escola)

b. *Hoje em dia esperto, o garoto. (mas tempos atrás ele não aprendia nada na escola)

(vii) a. É esperto, hoje em dia, o garoto (mas tempos atrás ele não aprendia nada na escola)

b. *Esperto, hoje em dia, o garoto. (mas tempos atrás ele não aprendia nada na escola)

(viii) a. Por que é infeliz, o garoto?

b. *Por que infeliz, o garoto?

As sentenças copulares especificacionais pseudoclivadas, por fim, podem omitir a cópula. Para tal, a cópula precisa estar em posição alta na estrutura ((ix) – (xi)) mas, diferentemente das copulares predicativas, pode ser precedida por elementos topicalizados ((xii) – (xiv)).

(ix) a. Quem vai decidir essa parada é você.

b. * Quem vai decidir essa parada você.

(x) a. É você quem vai decidir essa parada.

b. Você quem vai decidir essa parada.

(xi) a. Você é quem vai decidir essa parada.

b. Você quem vai decidir essa parada. (derivada de (xa))

(xii) a. É você quem vai decidir essa parada, na festa.

b. Você quem vai decidir essa parada, na festa.

(xiii) a. Na festa, é você quem vai decidir essa parada.

b. Na festa, você quem vai decidir essa parada.

(xiv) a. ?? É você, na festa, quem vai decidir essa parada.

b. ?? Você, na festa, quem vai decidir essa parada.

¹² Em particular, é relevante observar que a omissão da cópula é possível em sentenças pseudoclivadas (vide nota de rodapé anterior), as quais são sentenças copulares especificacionais. As sentenças clivadas também são especificacionais. Isso sugere que uma sentença clivada pode sofrer apagamento da cópula, formando assim uma sentença Foco+que.

(60) A MARIA que leu *Vidas Secas*.

(RESENES, 2006)

Segundo Resenes, a hipótese da equivalência entre Foco+que e uma clivada deve supor que as diferenças entre PB e PE decorrem de uma regra que atua na fonologia de uma língua, mas não na da outra. Por outro lado, sob a assunção de que o apagamento da cópula é um fenômeno sintático, proposto em Guessser e Sousa (2014) e Guessser e Giovannetti (2015), poderíamos supor que as diferenças entre PB e PE se devem ao fato de que o PB, mas não o PE, dispõe da propriedade sintática que autoriza o apagamento da cópula em sentenças clivadas. Teríamos, assim, mais um caso de variação interlinguística de caráter sintático entre as duas variedades de português.

A impossibilidade de substituição mútua entre as sentenças em (61) é outro argumento apontado por Resenes (2009) contra a derivação de Foco+que a partir de uma clivada.

(61) a. ??A MARIA é que é que leu *Vidas Secas*.

b. *A MARIA que que leu *Vidas Secas*.

c. A MARIA que é que leu *Vidas Secas*.

d. *A MARIA é que que leu *Vidas Secas*.

(RESENES, 2009)

É possível, porém, que tal restrição resulte das condições sintáticas do apagamento da cópula, em particular do fato de que a cópula deve estar alta na estrutura para ser apagada, tal como descrito em Guessser e Sousa (2014). Observe que, se Foco+que deriva de uma clivada canônica, como proporemos mais adiante, as sentenças em (61b-d) não derivam de (61a). (61b-c) derivariam do apagamento da cópula da clivada canônica em (62a), como ilustrado em (62b-c):

(62) a. ?É a Maria que é que leu leu *Vidas Secas*.

b. *~~É~~ A MARIA que é que leu *Vidas Secas*. (=61b)

c. ?~~É~~ A MARIA que é que leu *Vidas Secas*. (=61c)

Nessa perspectiva, a razão dos juízos de gramaticalidade de (62b-c) pode ser especulada: na sentença (62c) (=61c), a cópula pode ser apagada porque se encontra em uma posição

suficientemente alta da estrutura sintática¹³. Já (62b) (=61b)) envolve o apagamento de uma cópula alta, mas também de uma baixa, portanto a sua agramaticalidade.

Quanto à agramaticalidade de (61d), ela se explicaria com o fato de que (61d) estaria sendo derivada de uma estrutura clivada canônica como (63a), a qual não é possível em PB.

(63) a. *É A MARIA é que é que leu *Vidas Secas*.

b. *~~É~~ A MARIA é que é que leu *Vidas Secas*. (=61d)

Por fim, Resenes apresenta argumentos de caráter pragmático-discursivo contra a hipótese de equivalência entre estruturas Foco+que e clivadas. Para a autora, uma clivada canônica veicula foco identificacional/exaustivo (Cf. KISS, 1998), mas Foco+que não. Isso é ilustrado em (64), considerando o contexto abaixo:

[Dois amigos estão em uma biblioteca procurando um livro específico que um deles tinha lido e recomendado. A uma certa altura, a pessoa que conhece o livro aponta para o livro na estante e diz:]

(64) a. Foi este livro que eu li.

b. #Este livro que eu li.

Segundo a autora, a clivada canônica (64a) responderia exhaustivamente à situação, pois ela é capaz de veicular um foco identificacional/exaustivo. (64b), por sua vez, seria inadequada a esse contexto, por se tratar de uma estrutura que veicula apenas interpretação contrastiva.

Além disso, clivadas canônicas com um sujeito focalizado serviriam pragmaticamente a um contexto de pergunta e resposta (65B), mas Foco+que não (65C).

(65) A: Quem comeu o bolo?

B: Foi a Maria que comeu o bolo.

C: #A Maria que comeu o bolo.

¹³ Permanece, todavia, a tarefa de especificar quão alta a cópula deve estar para poder ser apagada. Vide nota 11.

Porém, o quadro 1 da seção 1 sugere que Foco+que é pragmaticamente adequada em contextos como (65). O dado em (64b), por outro lado, nos parece tão adequado quanto (64a), no contexto em que se insere.

Guessser e Quarezemin (2013) estudam a clivada em (64a), no contexto apresentado em Resenes (2009), e observam que uma propriedade crucial dessa sentença é que o elemento focalizado tem sempre uma interpretação marcada por um traço de tópico. Mais especificamente, o elemento clivado é uma nova informação não contrastiva e, ao mesmo tempo, uma informação dada no contexto discursivo imediato. Considerando essa característica, as autoras propõem que clivadas canônicas como (64a), denominadas “clivadas com o traço [+tópico]”, envolvem uma posição de Foco dotada seja de um traço [+foco], seja de um traço [+tópico]. Tal projeção focal é localizada na periferia de esquerda da frase subordinada. Nessa perspectiva, (64a) é representada como (66): o elemento com traço focal se move da sua posição temática dentro do IP encaixado para o Spec de FocP_[+foco; +tópico] do CP subordinado, e a cópula se move para um núcleo funcional acima da sua projeção verbal.

(66) ... foi_j [VP t_j [Force [FocP_[+ foco; +tópico] este livro Foc°... [FinP que [TP eu li t_i]]]]

(GUESSER e QUAREZEMIN, 2013, p. 202)

Considerando a possibilidade de Foco+que ocorrer em contextos como (64), tal sentença receberia uma análise como (66), com a diferença que a cópula seria omitida.

No que se refere especificamente à análise de Foco+que proposta por Resenes em (52), observamos que essa encontra dificuldade para dar conta de alguns fatos do PB. Segundo tal proposta, há uma relação de adjacência entre o elemento focalizado e o complementizador *que*. Isso se mostra problemático se levamos em consideração alguns dos dados apresentados em Ribeiro (2011).

Ribeiro (2011) observa que na língua gungbe não é possível haver uma frase parentética entre o elemento focalizado e o núcleo de foco *wè* (Cf. (67), extraído de Aboh (1995)). Por outro lado, nas sentenças clivadas (interrogativas ou não) do PB a intervenção de uma parentética entre o foco e *que* é possível, como mostram os dados de clivadas não interrogativas (68) e (69).

(67) a. Jan, wè novi ce mo

b. *Jan, to Mari si ayixa me, wè novi ce mo

J. at M. of (poss) mind in FOC brother mine see

‘According to Mari, it is Jan that my brother saw.’

(68) a. Segundo Maria, foi João que meu irmão viu.

b. Foi João, segundo Maria, que meu irmão viu.

(69) a. Segundo Maria, João foi que continuou o trabalho.

b. João, segundo Maria, foi que continuou o trabalho. (RIBEIRO, 2011, p. 114)

Se aplicarmos esse teste de interposição às frases Foco+que, teremos juízos de gramaticalidade iguais aos de (68) e (69):

(70) a. Segundo a Maria, o João que continuou o trabalho. (não o Pedro)

b. O João, segundo a Maria, que continuou o trabalho. (não o Pedro)

(71) A: Quem continuou o trabalho?

B: Segundo a Maria, o João que continuou o trabalho.

C: O João, segundo a Maria, que continuou o trabalho.

Os exemplos (70b) e (71C), portanto, sugerem que as sentenças Foco+que não manifestam uma relação Spec-núcleo entre o foco e o complementizador *que*.

A análise de Resenes também assume que Foco+que, assim como a interrogativa Wh+que, é uma sentença simples. Se consideramos alguns aspectos da contraparte interrogativa de Foco+que, encontramos argumentos adicionais contra essa proposta. Por exemplo, Miotto (2001) observa que é possível produzir uma sentença interrogativa-wh simples no infinitivo, como (72a), mas uma interrogativa Wh+que infinitiva, como (72b), é agramatical.

(72) a. O que fazer? (MIOTO, 2001, p. 119)

b. *O que que fazer? (MIOTO, 2001, p. 118)

Os exemplos a seguir mostram que, de um lado, a sequência *qual o livro* é incompatível com uma interrogativa-wh simples (73a) e, por outro lado, tal sequência não torna uma interrogativa Wh+que agramatical (73b).

(73) a. *Qual o livro a Joana comprou?

b. Qual o livro que a Joana comprou?

Os exemplos em (72) e (73), portanto, mostram que as interrogativas Wh+que apresentam algumas restrições sintáticas que as interrogativas simples não têm. Note que tais contrastes se explicam se as frases Wh+que são derivadas de interrogativas clivadas. Assim, (72b) é agramatical porque uma interrogativa-wh clivada com o verbo encaixado no infinitivo é agramatical, como mostra (74). Por outro lado, (73b) é uma sentença possível porque a clivada da qual deriva também o *é*, como ilustra (75):

(74) *O que é que fazer?

(75) Qual foi o livro que a Joana comprou?

Frases Foco+que também se diferenciam de sentenças simples com foco em contextos discursivos de foco amplo. Consideremos a seguinte situação:

[Três amigos, João, Pedro e Fábio, estão numa festa de aniversário na casa de Clara. João, Pedro e Clara estão no jardim, enquanto Fábio está na sala da casa, onde está o bolo de aniversário. Clara volta para a sala e vê Fábio comendo o bolo. Clara então vai até o jardim dar a notícia aos amigos:]

(76) a. Gente, o Fábio comeu o bolo.

c. # Gente, foi o Fábio que comeu o bolo.

d. # Gente, o Fábio foi que comeu o bolo.

b. #Gente, o Fábio que comeu o bolo.

Nesse contexto de foco amplo, a frase simples em (76a) é pragmaticamente adequada, mas Foco+que não o é, assim como não o são as sentenças clivadas, como mostram (76c-d).

2.3 RIBEIRO (2011)

Ribeiro (2011) assume, nas linhas de Kato e Ribeiro (2007) e Ribeiro e Torres Morais (2009), que quando a periferia esquerda é ativada, o núcleo *que* no PB pode ser a manifestação fonética de Fin^o, estando em variação com um núcleo Fin^o foneticamente nulo.

Por outro lado, na periferia interna, “que” pode ser a realização do núcleo C. Sua proposta é que Foco+que apresenta uma estrutura simples, assim como em Resenes (2009). Deferentemente dessa autora, porém, para Ribeiro (2011) não há relação de adjacência entre o foco e o complementizador *que*.

A discussão até aqui mostrou razões para que as sentenças Foco+que não sejam analisadas como sentenças simples, como propõem as análises de Ribeiro (2011) e Resenes (2009). Por outro lado, dados de cunho pragmático-discursivo sugerem que Foco+que deve ser derivada de uma sentença clivada canônica. Em particular, os dados da seção anterior mostram que, se de um lado Foco+que se aproxima de sentenças clivadas por não ser adequada a contextos de focalização ampla como em (76), por outro lado se diferencia de uma sentença simples, visto que essa pode constituir um foco amplo. Se Foco+que fosse uma sentença simples com foco, não se esperaria tal diferença.

Do ponto de vista sintático, vimos, através dos exemplos (72) – (75), que a contraparte interrogativa de Foco+que, Wh+que, apresenta comportamentos sintáticos que sugerem que tal sequência não deriva de uma sentenças simples, mas sim de uma estrutura clivada. No caso específico de Foco+que, podemos citar uma outra propriedade a favor da derivação em termos de clivagem: a semelhança com as clivadas, e a diferença com sentenças simples, em dados que envolvem interposição de tópicos entre o foco e o *que*, seja no caso de tópicos argumentais (77) – (78), seja no de tópicos não argumentais (79).

(77) a. *Foi O PEDRO pra menina que deu um livro. (não a Maria)

b. *O PEDRO pra menina que deu um livro. (não a Maria)

c. O PEDRO pra menina deu um livro. (não a Maria)

(78) a. *Foi O PEDRO um livro que deu pra menina. (não a Maria)

b. *O PEDRO um livro que deu pra menina. (não a Maria)

c. ?O PEDRO, um livro, deu pra menina. (não a Maria)

(79) a. ?Foi O PEDRO ontem que deu um livro pra menina. (não a Maria)

b. ?O PEDRO ontem que deu um livro pra menina. (não a Maria)

c. O PEDRO ontem deu um livro pra menina. (não a Maria)

3. FOCO+QUE COMO ESTRUTURAS CLIVADAS CANÔNICAS REDUZIDAS

Nesse trabalho, defendemos a hipótese de que Foco+que deriva de uma estrutura clivada canônica e envolve omissão da cópula. Assumimos a análise de sentenças clivadas canônicas apresentada em Guesser e Quarezemin (2013). As autoras unem as ideias de Roisenberg e Menuzzi (2008), acerca de aspectos pragmático-discursivos, e as propostas de Belletti (2010), no que se refere a aspectos sintáticos. Essa análise se baseia em cinco aspectos principais¹⁴.

O primeiro é a ideia de que as clivadas não são intrinsecamente dotadas do traço exaustivo (vide seção 1). Tal traço, ainda que geralmente seja verificado no uso das clivadas, não faz parte do significado convencional dessas estruturas (Cf. ROISENBERG e MENUZZI, 2008). O segundo é que sentenças clivadas são estruturas complexas em que a cópula seleciona um CP focal, um FocP (nos termos de Ruwet (1975), Kayne (1994), Kiss (1998), Modesto (2001), Miotto (2003), Belletti (2010), entre outros). O terceiro é a assunção de que, considerando o sistema complementizador de Rizzi (1997), o CP selecionado pela cópula tem como projeção mais alta FocP, conforme proposto em Belletti (2010) e ilustrado em (80):

(80) TP cópula [~~CP Force~~ FocP [FinP que [TP S ...O/(PP)]]] (BELLETTI, 2010)

A quarta assunção, seguindo Belletti (2010), é que o complementizador *que* do CP selecionado pela cópula se origina no núcleo Fin^o e se move para Foc^o, o núcleo mais alto deste CP, tal como representado em (81)¹⁵:

(81) a. E' MARIA che il libro l'ha comprato (non Gianni)

b. E' [FocusP MARIA *che* [TopP il libro [FinP t *che* [IP... (BELLETTI, 2010)

Por fim, a quinta assunção refere-se à ideia de que, nas clivadas canônicas em que o foco tem função gramatical de sujeito, o CP complemento da cópula contém um traço EPP, responsável por exprimir uma relação de predicação entre o sujeito em CP e a frase que o segue¹⁶.

A partir dessas ideias, assumimos a derivação em (82b) para uma clivada canônica como (82a), com um sujeito interpretado como foco de informação nova. Nessa

¹⁴ Para uma discussão mais detalhada dos argumentos a favor da análise assumida nesse trabalho, vide Belletti (2010), Roisenberg e Menuzzi (2008), Guesser (2011) e Guesser e Quarezemin (2013).

¹⁵ Ribeiro (2009) apresenta uma proposta semelhante quanto a esse aspecto.

¹⁶ Com essa proposta, Belletti (2010) oferece uma explicação para a assimetria interpretativa que se verifica entre clivadas canônicas-sujeito e objeto na focalização de nova informação do francês, a qual é extensível ao PB.

representação, o sujeito sai da posição de *merge* externo dentro do IP encaixado, passa pela posição EPP do CP subordinado e pousa no Spec de FocP da periferia de vP acima da cópula, a projeção focal dedicada para a interpretação de foco de informação nova no PB^{17,18}. A cópula se move para o núcleo flexional, e um *pro* expletivo ocupa a posição sujeito da frase matriz.

(82) a. Foi o Pedro que derrubou o vaso.

b. $pro_{expl} \dots [IP \text{ foi}_j \dots [FocP \text{ o Pedro}_i [vP \text{ t}_j [CP_{Force} \dots [EPP \text{ t}_i \dots [FinP \text{ que } [IP \text{ pro} \text{ derrubou } t_i \text{ o vaso}]]]]]]]$

c. ~~$pro_{expl} \dots [TP \text{ foi}_j \dots [FocP \text{ o Pedro}_i [vP \text{ t}_j [CP_{Force} \dots [EPP \text{ t}_i \dots [FinP \text{ que } [IP \text{ pro} \text{ derrubou } t_i \text{ o vaso}]]]]]]]$~~

Na focalização contrastiva, a clivada canônica é representada como em (83b), se o foco contrastivo é um sintagma com função de sujeito, e como (84b), se o foco é um objeto. Tais derivações se diferenciam de (82b) pelo fato de os elementos com traço focal se moverem para o Spec de FocP do CP encaixado à cópula, assumindo que a interpretação de foco contrastivo no PB é veiculada na periferia esquerda (Cf. seção 1).

(83) a. Foi o Pedro que limpou a casa. (não a Maria)

b. $pro_{expl} \dots [TP \text{ foi}_j [vP \dots \text{ t}_j [FocP \text{ o Pedro}_{Foc} [EPP \text{ t}_i \dots \dots [FinP \text{ que } [TP \text{ pro} \text{ limpou } t_i \text{ a casa}]]]]]]]$

c. ~~$pro_{expl} \dots [TP \text{ foi}_j [vP \dots \text{ t}_j [FocP \text{ o Pedro}_{Foc} [EPP \text{ t}_i \dots \dots [FinP \text{ que } [TP \text{ pro} \text{ limpou } t_i \text{ a casa}]]]]]]]$~~

(84) a. Foi o vaso que o Pedro quebrou. (não o quadro)

b. $pro_{expl} [TP \dots \text{ foi}_j [vP \text{ t}_j [FocP \text{ o vaso}_i \text{ Foc} \dots [FinP \text{ que } [TP \text{ o Pedro} \text{ quebrou } t_i]]]]]]$

c. ~~$pro_{expl} [TP \dots \text{ foi}_j [vP \text{ t}_j [FocP \text{ o vaso}_i \text{ Foc} \dots [FinP \text{ que } [TP \text{ o Pedro} \text{ quebrou } t_i]]]]]]$~~

Para derivar as sentenças Foco+que, proporemos que as estruturas em (82b), (83b) e (84b) envolvem um apagamento da cópula, tal como ilustrado nos exemplos em “c” de (83) a (84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁷ Vide Belletti (2004) para argumentos em favor da existência de uma periferia de vP e sobre da ideia de que essa se restringe à focalização de informação nova. Sobre a periferia de vP no PB e sua restrição ao foco informacional, vide Mioto (2003).

¹⁸ A análise aqui assumida pressupõe que a extração do sujeito para a focalização se dá a partir de uma posição mais baixa que a posição sujeito da frase (Cf. MENUZZI, 2000). Assim, em (82b) e (83b) um *pro* expletivo ocupa a posição Sujeito da frase subordinada, satisfazendo o *Subject Criterion* proposto em Rizzi (2006) e Rizzi e Shlonsky (2007).

A sequência Foco+que tem sido abordada na literatura dentro de duas linhas de análise. Uma delas é representada por estudos como o de Kato (1996) e Braga et al. (2009) e propõe uma derivação a partir de uma estrutura clivada invertida. A segunda linha de análise representa sintaticamente Foco+que como uma sentença simples. Esta se subdivide: Resenes (2006 e 2009) defende que Foco+que é uma frase simples em que o sintagma focalizado e o complementizador *que* manifestam uma configuração Spec-núcleo em FocP. Ribeiro (2011), por outro lado, propõe que tal relação de adjacência não existe. Neste artigo procuramos mostrar que ambas as linhas de análise apresentam problemas por não darem conta de determinadas diferenças sintáticas e pragmático-discursivas entre Foco+que, de um lado, e clivadas invertidas e sentenças simples com foco, de outro. Além disso, mostramos, também com dados sintáticos e pragmático-discursivos, que a sequência Foco+que tem comportamento semelhante ao das clivadas canônicas. Por fim, propusemos a derivação de Foco+que a partir de uma clivada canônica, assumindo um apagamento da cópula. Um estudo voltado para a formalização de tal apagamento será objeto de pesquisa futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AKMAJIAN, A. On deriving cleft sentences from pseudo-cleft sentences. *Linguistic Inquiry*, v. 1, 1970.
2. BELLETTI, Adriana. Aspects of the Low IP Area. In: RIZZI, Luigi Rizzi (org.). *The Structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures*. New York: Oxford University Press, 2004, p. 16-51.
3. BELLETTI, Adriana. **Revisiting the CP of clefts**. Siena: 2010. Disponível em <http://www.ciscl.unisi.it/>. Acessado em 05 de maio 2011.
4. BRAGA, Maria Luiza; KATO, Mary Aizawa; MIOTO, Carlos. As Construções Qu no Português Brasileiro Falado. In: KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.
5. GUESSER, Simone. **Soggetto nullo e focalizzazione del soggetto in portoghese brasiliano**. Siena: Università degli Studi di Siena, 2007. 137f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Facoltà di Lettere e Filosofia, Università di Siena, Siena, 2007.
6. GUESSER, Simone. **La sintassi delle frasi cleft in portoghese brasiliano**. Siena: Università degli Studi di Siena, 2011. 190f. Tese (Doutorado em Informática, Lógica

- Matemática e Ciências Cognitivas) – Scuola di dottorato in Informatica, Logica Matematica e Scienze Cognitive, Facoltà di Lettere e Filosofia, Università di Siena, Siena, 2007.
7. GUESSER, Simone. Redução e Concordância em Sentenças Clivadas do Português Brasileiro. In: NAVES, Rozana Reigota; LIMA-SALLES, Heloisa Maria. *Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011.
 8. GUESSER, Simone; GIOVANNETTI, Marcelo. “Copula omission in Brazilian Portuguese”. Handout apresentado no Encontro Intermediário do Grupo de Trabalho de Teoria da gramática. Belo Horizonte, 2 de junho de 2015.
 9. GUESSER, Simone; QUAREZEMIN, Sandra. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. *Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 9, n. 1, 2013.
 10. GUESSER, Simone; SOUSA, Laeny Amaral. “Sentenças foco+que em PB como estruturas clivadas reduzidas”. Handout apresentado no Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática no XXIX ENANPOLL. Florianópolis, 9 de junho de 2014.
 11. KATO, Mary Aizawa. VS constructions, cleft sentences and narrow focus in Brazilian Portuguese. UNICAMP, 1996. Manuscrito.
 12. KATO, Mary Aizawa; RIBEIRO, Ilza. Cleft Sentences from Old Portuguese to Modern Portuguese. In: DUFTER, Andreas; JACOB, Daniel. *Focus and Background in Romance Languages*. Philadelphia: Benjamins, 2007.
 13. KAYNE, Richard. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press, 2001.
 14. KISS, Katalin. Identificational focus versus informational focus. *Language*, v.74, n 2, 1998.
 15. MENUZZI, Sergio. That-trace effects in portuguese. *Revisra Forum Linguístico*, v.2, n.1, 2000.
 16. MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO-SILVA, Maria Cristina. Wh que = Wh é que?. *DELTA*, v.11, n. 2, 1995.
 17. MIOTO, Carlos. Wh é que ≠ Wh que. In: SEMINÁRIO DO GEL, 44, 1996, Taubaté. **Anais do XLIV Seminário do GEL**. Taubaté: UNITAU, 1996. p. 648-654.
 18. MIOTO, Carlos. Sobre o Sistema CP no Português Brasileiro. *Revista Letras*, v. 56, 2001.
 19. MIOTO, C. Focalização e Quantificação. *Revista Letras*, n. 61, 2003.

21. MIOTO, Carlos.; NEGRÃO, Esmeralda. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; Torres de Moraes, M. A.; VASCONCELLOS LOPES, Ruth. Elisabeth; CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: FAPESP; Campinas: Pontes, 2007.
22. MODESTO, Marcello. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento e prosódia*. São Paulo. Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
23. QUAREZEMIN, Sandra. **Estratégias de focalização em Português Brasileiro: uma Abordagem Cartográfica**. Santa Catarina: UFSC, 2009. 289f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
24. RESENES, Mariana. [foco] é que/ [foco]que X wh é que/wh que. In: CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SUL – CESUL, 7, 2006, Pelotas. **Anais do VII Círculo de Estudos Linguísticos Sul – CESUL**. Pelotas: UCPEL, 2006.
25. RESENES, Mariana. **Sentenças Pseudoclivadas no Português Brasileiro**. Santa Catarina: UFSC, 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
26. RIBEIRO, Ilza; TORRES MORAIS, Maria Aparecida. Doubling-*que* Embedded Constructions in Old Portuguese: a Diachronic Perspective. In: *The XI Diachronic Generative Syntax Conference*, 2007, University of Campinas.
27. RIBEIRO, Ilza. Construções de focalização: comentários ao texto de Simone Guessier. In: NAVES, Rozana Reigota; LIMA-SALLES, Heloisa Maria. *Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011.
28. RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN Liliane. *Elements of Grammar: a handbook of generative syntax*. Kluwer: Dordrecht, 1997.
29. RIZZI, Luigi. **On the Grammatical Basis of Language Development: A Case Study**. Siena: 2002. Disponível em: <http://www.ciscl.unisi.it/persona/rizzi.htm>. Acessado em 20 de abril de 2015.
30. RIZZI, Luigi . On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. In: CHENG, Lisa; CORVER, Norbert. *Wh movement: moving on*. Cambridge: The MIT Press, 2006.
31. RIZZI, Luigi; SHLONSKY, Ur. Strategies of subject extraction. In: GÄRTNER, Hans-Martin; SAUERLAND, Uli. *Interfaces+recursion= language? Chomsky's minimalism and the view from syntax-semantics*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2007.

32. ROISENBERG, Gabriel; MENUZZI, Sergio. **Pressuposição, Exaustividade e Denegação nas Clivadas.** Porto Alegre: 2008. Disponível em: <https://sites.google.com/site/smenuzzi/artigos-hand-outs-etc>. Acessado em 20 de abril de 2015.
33. RUWET, Nicolas. *Introdução à gramática gerativa.* São Paulo: Perspectiva, 1975.

ABSTRACT: The aim of this paper is to investigate "Focus+que" structures in BP from a syntactic and pragmatic point of view. This kind of sentence has been analyzed according to two different lines of analysis. On the one hand, it has been assumed that "Focus+que" is derived from an inverse cleft sentence. On the other hand, "Focus+que" is represented as a simple sentence. The second analysis is due to studies that proposes that "Focus+que" involves a Spec-head relation between the focused element and the complementizer "que"; another analysis denies this relation. In this work, we will propose an alternative analysis, which considers syntactic and pragmatic properties of "Focus+que" structure. In particular, we will assume that it is derived from a canonical cleft sentence.

Keywords: Focus+that; clefting; focalization; copula.